

Pesquisa bibliográfica sobre a evolução do comportamento do *Felis catus*: Domesticação do gato e comunicação entre humanos e felinos

Anibal Carlos Silva Pioli¹

Thayne Woycinck Kowalski²

Resumo: O gato doméstico, *Felis catus*, é um dos animais mais comuns dentro dos lares do mundo inteiro, superado unicamente pelo cão. Porém a domesticação dele ainda é recente em termos históricos. Esta, data de aproximadamente de 7.000 a 100 a.C, além de que, pelo fato de o felino possuir um comportamento afetivo menos demonstrativo, quando comparado ao do cão, o ser humano tem estado relutante a entender o comportamento comunicativo do animal, tendo gerado por anos, um mau entendimento sobre a convivência entre humanos e gatos. Atualmente se tem um conhecimento mais amplo sobre como o felino se comunica com seus tutores, e tudo tem sido um processo evolutivo e de adaptação por parte das duas espécies, desde as vocalizações que os felinos produzem a fim de dar a entender aos seus tutores que precisam de alimento, água, sair da casa, etc. até a comunicação corporal mediante a qual eles demonstram afeto, felicidade, estresse, descontento, e outras necessidades. O entendimento desta comunicação entre *Homo sapiens sapiens* e *Felis catus* e do comportamento evolutivo, que levou a espécie para dentro da sociedade humana, é essencial especialmente para o médico veterinário, mas também para o tutor, para assim poder compreender melhor o gato e poder oferecer a ele uma maior qualidade de vida. Este artigo tem como finalidade apresentar uma pesquisa bibliográfica, conduzida através das bases de dados Scielo e Google Acadêmico, explicando a origem da domesticação, do gato doméstico, o comportamento social da espécie *Felis catus*, entre indivíduos da mesma espécie e como adaptaram este comportamento e comunicação com os humanos, de uma maneira adaptada e benéfica para a espécie.

Palavras-chave: *Felis catus*, domesticação, comportamento felino.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente acredita-se que o gato, nome científico *Felis catus*, tenha, na verdade, passado por um processo de auto domesticação por volta do ano 7.000 a 100 a.C (TATIBANA & COSTA-VAL, 2009). O comportamento que o gato doméstico apresenta hoje em dia é o resultado final de uma série de fatores evolutivos, que contribuíram para a

¹ Estudante do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesuca. E-mail: anibalsilva2398@gmail.com

² Docente dos cursos de Biomedicina e Nutrição. Centro Universitário Cesuca. Doutorado em Genética e Biologia Molecular. E-mail: thayne.kowalski@cesuca.edu.br

aproximação entre as duas espécies, e da genética do gato, que determina como ele se comunica e socializa (GENARO, 2004). Um exemplo é o fato da presença materna durante as primeiras semanas de vida onde ocorre a socialização do filhote (RODEL, 1986) e do ambiente em que foi criado pelo ser humano, no qual a grande maioria dos felinos domésticos habitam hoje em dia. O gato aprendeu a se comunicar mediante vocalizações com os seres humanos. Entre indivíduos da mesma espécie, a comunicação vocal acontece com fins reprodutivos ou na relação entre filhotes e a mãe, como um chamado por atenção a cuidados (CARVALHO, 2016), comportamento que o gato irá replicar em sua comunicação com os humanos.

Gatos aprendem ao observar outros gatos (CARVALHO, 2016), portanto, é de se esperar que dentro de um lar humano, o gato filhote aprenda a partir do comportamento do gato já residente, se houver um, ou do comportamento da mãe se não tiver sido afastado em uma idade precoce. Gatos que não possuem um exemplo felino acabam tendo uma predisposição ao comportamento instintivo, e deve ser modelado pelo tutor. O gato não possui unicamente a comunicação vocal, apesar de esta ser a mais conhecida pelos tutores que não procuram entender o comportamento felino de uma maneira mais profunda. O *Felis catus* se comunica com o grupo social da mesma espécie mediante comunicação química (GENARO, 2004), que consiste na utilização do olfato através do epitélio olfativo e de substâncias ricas em feromônios. Também, a partir da comunicação visual, baseada em posturas comportamentais e expressões faciais, e, finalmente, através de contato e interações físicas.

Os humanos podem ter aprendido a distinguir de certa forma as vocalizações, porém o gato tem sua maior gama de comunicação nos outros métodos mencionados. Já que o ser humano não está adaptado para interpretar a comunicação olfativa dos felinos, uma vez que a mesma ocorre através de um órgão que lhes auxilia em esta tarefa, conhecido como órgão de Jacobson, ou órgão vomeronasal (GENARO, 2004), cabe aos tutores e veterinários aprender a interpretar e entender o comportamento que o gato expressa com a comunicação corporal. Isso não é tarefa fácil, pois cada indivíduo pode ter suas vocalizações e sua linguagem corporal específica. Notoriamente, de um modo geral, existem padrões comportamentais e comunicativos nos quais se basear para se entender melhor o que o animal está nos querendo comunicar.

Este artigo tem como objetivo entender o comportamento do gato doméstico, compreender quais foram os motivos que o levaram a uma aproximação da espécie humana,

e como esse comportamento gerou o processo evolutivo que deu origem ao gato doméstico que conhecemos hoje em dia

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica através das bases de dados Scielo e Google Acadêmico.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A EVOLUÇÃO DO GATO

O entendimento da evolução do gato é fundamental para poder compreender o gato doméstico dos dias de hoje, e como o comportamento dele passou de um animal selvagem, predador e caçador, para um animal que consegue conviver em harmonia com humanos, em ocasiões, com outros animais dentro de um espaço limitado, e mesmo assim, não ter abandonado por completo seus instintos selvagens.

Acredita-se que o último ancestral direto do gato doméstico seja fruto de um cruzamento entre o gato selvagem Africano ou gato Kaffir com o Gato do Deserto Asiático ou Gato Enfeitado (MACHADO, 2021). Todos os gatos domésticos carregam uma assinatura genética compatível com a do gato selvagem do Israel. Este gato foi domesticado em várias ocasiões (SUNQUIST & SUNQUIST, 2002) entre 8.000 e 10.000 anos atrás no nordeste da África. À medida que as populações humanas iam se organizando em pequenos povoados e começavam a cultivar trigo e cevada, o gato se viu atraído pelos roedores que por sua vez se viam atraídos pelo grão cultivado (SUNQUIST & SUNQUIST, 2002) então estes gatos demonstraram disposição cautelosa a se aproximar dos humanos como companheiros, ganhando assim abrigo, em troca da eliminação de roedores.

Evidências no DNA mostram que todos os felinos existentes carregam os mesmos traços de um predador semelhante à pantera que viveu no sudeste asiático há cerca de 10,8 milhões de anos. Graças a comparação das mesmas sequências de DNA de 30 genes em cada uma das espécies vivas de felinos atualmente, foi possível criar uma árvore filogenética (O'BRIEN, 2007) e determinar oito grupos e 37 espécies de felinos que povoam o planeta hoje em dia. Mas deve-se observar onde o gato doméstico e sua adaptação ao convívio com os seres humanos, se encaixa nesta história evolutiva. Graças a esse estudo do sequenciamento do DNA felino, sabemos que o gato doméstico descende diretamente de um ancestral selvagem que viveu aproximadamente a 3 milhões de anos atrás, este por sua vez

era descendente de um ancestral comum que dará origem à família *Prionailurus*, a família do Gato-Leopardo. O ancestral do gato doméstico dará origem também a outras espécies selvagens que encontramos hoje em dia, o gato selvagem; *Felis silvestris*, o gato do deserto; *Felis margarita*, o gato-bravo-de-patas-negras; *Felis nigripes*, e o Gato-da-Selva; *Felis chaus*.

Podemos concluir de estas informações, primeiramente, que o gato doméstico ainda é um animal muito selvagem devido a sua separação recente com seu ancestral, quando comparado ao cão, que é o animal mais antigamente domesticado que convive com o ser humano e teve sua domesticação a 100.000 anos aproximadamente (TATIBANA e COSTA-VAL, 2009). Também, que sua auto-domesticação, assim denominada, foi causada por uma questão de oferecer vantagens para o felino, já que ele ganhava acesso a alimento e a proteção entre os humanos, chegando ao ponto de ter sido reverenciado e cultuado como deidade por culturas e religiões antigas, como os egípcios (AZÚA, 2003). Porém, ele nunca se deixou controlar pelos humanos. Há quem defenda até hoje a ideia de que o gato domesticou o homem e só considera o humano como uma peça “útil” na sua vida, que ele considera como “sua”, e por isso ele marca território ao se esfregar no seu tutor (AZÚA, 2003).

2.2 COMUNICAÇÃO DO GATO

O método mais conhecido de comunicação do Gato Doméstico; *Felis catus*, é a vocalização. Acredita-se que o gato doméstico possui aproximadamente 12 tipos de vocalização, mas se acredita que possua mais (TAVERNIER, 2020).

O gato é um dos mamíferos com maior variedade vocalizações, algo que em um princípio surpreendeu pesquisadores, já que ao contrário da crença popular, o gato é, na maioria das vezes, presa. Então não se espera um comportamento que resulta em emissão de sons por parte de um animal que precisa passar despercebido (TAVERNIER, 2020). A comunicação do gato evoluiu ao longo do período da convivência com o ser humano junto com a mansidão que começou a se expressar geneticamente dentro de algumas gerações. Quando comparado com o gato da floresta, o gato doméstico evoluiu para se comunicar efetivamente com os humanos, usando vocalizações específicas, mas também por ser capaz de distinguir vocalizações humanas individuais. É aceito que o gato, no lugar de ter criado vocalizações novas, tenha adaptado a função de algumas de suas vocalizações para se

comunicar com os humanos (TAVERNIER, 2020), como por exemplo, a modificação do uivo ou miado, para expressar busca por alimento, atenção, doença, estresse, solidão entre outros.

O gato possui um comportamento social matriarcal, ou seja, os grupos de *Felis catus*, são compostos por uma fêmea mãe, o restante das fêmeas descendentes que irão se ajudar de várias formas para facilitar a sobrevivência, os filhotes e machos jovens, enquanto que os machos adultos se dividem entre machos “centrais” que irão se manter vinculados à colônia, e os machos periféricos que irão vagar amplamente. Explicado isto, se faz mais fácil entender que os gatos possuem um comportamento social e que convivem em grupos, por tanto precisam se comunicar.

Entre eles, se utilizam as vocalizações também, como o ronronar, muito utilizado entre os filhotes e as mães, as chamadas de acasalamento, e os chiados, desencadeados pelo surgimento de um inimigo, estes entre muitos outros (TAVERNIER, 2020).

Os gatos entre si se utilizam muito da comunicação química, a secreção de feromônios mediante glândulas localizadas no seu corpo, como nas bochechas, na área perianal e entre os dígitos (CARVALHO, 2016). Esta comunicação química é possível graças a um órgão acessório chamado de Órgão de Jacobson, ou Órgão Vomeronasal, que se encontra conectado a cavidade bucal pelo ducto incisivo, este órgão faz possível a identificação e interpretação das substâncias secretadas por outro indivíduo. Nos humanos, este órgão é praticamente inexistente ou obsoleto, o que impossibilita este tipo de comunicação química entre os gatos e os humanos.

Além da comunicação vocal e química, os gatos possuem uma comunicação física, mediante expressões corporais, que muitas vezes unidas às vocalizações, nos deixam muito claro o que o gato nos pretende comunicar. Os gatos podem comunicar muito por uma variedade visual de sinais, especialmente, pelo posicionamento das orelhas e da cauda (CARVALHO, 2016). As orelhas podem se movimentar para trás, para baixo em direção ao queixo ou parcialmente para abaixo e em parte para atrás, sinalizando aceitação e submissão, pretendendo evitar uma agressão. Em relação à postura corporal, o gato defensivo pode se agachar, escondendo sua cabeça e cauda. Já o gato ofensivo fica ereto com a cauda posicionada verticalmente para baixo, mostrando seu corpo de forma a parecer maior. Todos os tipos de posturas intermediárias podem ser vistos.

Um gato com as costas arqueadas, permanecendo sobre as pernas rígidas, apresentando pelagem ereta e com a cauda levantada, expressa uma grande agressividade.

Um sinal visual que indica intenções amigáveis é a posição *tail-up*, em que o gato se aproxima de outro gato, humano, cão ou outro animal com a cauda levantada, perpendicular ao chão (CARVALHO, 2016).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gato doméstico, *Felis catus* é o segundo animal de companhia (os chamados *pets*) que mais ocupa os lares do mundo todo e os números só vêm aumentando nos últimos anos. É preciso entender o comportamento e a natureza do felino para uma melhor convivência entre as espécies. O gato passou por um extenso processo evolutivo e de adaptação para aceitar a nossa presença e começar a conviver ao meio dos humanos ao ponto de, hoje em dia, estar plenamente integrado no nosso dia a dia. Em algum ponto da história essa espécie específica de felino decidiu se aproximar de assentamentos humanos em busca de alimento e determinou que era um ambiente propício onde se estabelecer pelo fácil acesso a alimento, proteção de seus predadores naturais e do ambiente em si.

Dessa forma, os felinos fizeram dos povoados humanos um lugar que eles consideraram idôneo, porém, não se submeteu a uma domesticação, muito pelo contrário, fizeram o humano se adaptar a eles, e se estabeleceu uma relação onde o homem teve pouca influência no processo de “domesticação”. Ao longo dos anos desde que o encontro entre as duas espécies aconteceu, o felino que um dia foi selvagem, foi evoluindo, se adaptando ao convívio com o ser humano, adaptou parte do seu comportamento e da sua comunicação a modo de poder estabelecer um contato conosco. Gatos, ao contrário dos canídeos, não possuem um modelo de sociedade similar ao nosso, o que faz esta convivência mais extraordinária. Entender e conhecer a origem desta união e como eles se comunicam conosco, é essencial para poder proporcionar um bem estar a nossos amigos felinos

REFERÊNCIAS

CARVALHO, P. C. F. B.; NUNES, V. F. P.; MALDONADO, N. A. C. Aspectos do Comportamento Felino. **Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**, n. 86, p. 39-48, dez. 2016.

GENARO G. Comportamento felino: organização social e espacial, comunicação intra-específica e conflitos com a vida doméstica. **MEDVEP. Revista Científica de Medicina Veterinária. Pequenos Animais e Animais de Estimação**, v.2, n.5, p. 61 – 66, 2004.

MACHADO, A. V. A evolução do felino doméstico. **Blog Portal Educação**, Artigo, Biologia. Disponível em:
<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/a-evolucao-do-felino-domestico/16267#>. Acesso em: 28 de jun. de 2021.

MARCELLA, J. K. SUNQUIST, M.; SUNQUIST, F. Wild Cats of the World: book review. **Journal of Mammalogy**, v.5, n. 2, 12 abr. 2004, p. 365–366. Disponível em:
<https://academic.oup.com/jmammal/article/85/2/365/2373563>.

O'BRIEN, S. J.; JOHNSON, W. E. The Evolution of Cats. **Scientific American**, v. 297, n. 1, p. 68-75, jul. 2007.

TATIBANA, L. S.; COSTA-VAL, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. **V & Z em Minas**, v.28, n. 103, p. 12-18, out.-dez./2009.

TAVERNIER, C. *et al.* Feline vocal communication. **Journal of veterinary Science**, Seul, v. 21, n.1., jan. 2020.

VALADEZ AZÚA, R. Y los gatos. ¿Qué sabemos de su domesticación ?. **Revista AMMVEPE**, v.14, n. 5, p. 164 – 172, set./out. 2003.